

## O LIVRO À CONQUISTA DO MUNDO (SÉCULOS XV - XXI)

(Título original: *Le Livre à l'assaut du monde (XVe - XXIe siècles)*. Traduzido do francês por Marta Pragana Dantas, Maria de Guadalupe Melo Coutinho e Flora Marina Figueiredo Ajala)

Jean-Yves MOLLIER<sup>1</sup>

### Resumo:

Propomos neste artigo um conjunto de reflexões sobre a circulação dos impressos no mundo, do século XV ao século XXI. Tratamos primeiramente do livro religioso, Bíblias ou catecismos missionários, que se prolonga a partir dos séculos XIX e XX por meio do livro de propaganda, de Marx a Mao Tsé-Tung, cujo *Livro vermelho*, traduzido em todas as línguas do planeta, foi um dos best-sellers dos anos 1960. Em um segundo momento, abordamos o livro escolar, o dicionário e a enciclopédia, três instrumentos de penetração não menos eficazes nos continentes distantes das metrópoles europeias. Terminamos esse sobrevoo com o exame da mundialização da cultura no contexto da constituição de grupos gigantes de comunicação que elaboram suas estratégias a partir da definição de áreas linguísticas concebidas como impérios a serem conquistados.

**Palavras-chave:** livro; circulação dos impressos; mundialização; grupos de comunicação.

### Résumé:

Dans cet article on propose un ensemble de réflexions sur la circulation des imprimés dans le monde du XVe au XXIe siècle. On traite d'abord du livre religieux, Bibles ou catéchismes missionnaires, prolongé à partir du XIXe et du XXe siècle par le livre de propagande, de Marx à Mao Zedong dont le *Petit Livre rouge* traduit dans toutes les langues de la planète fut un des best-sellers des années 1960. Dans un second temps, on aborde le livre scolaire, le dictionnaire et l'encyclopédie, trois instruments de pénétration non moins efficaces des continents éloignés des métropoles européennes. On termine ce tour d'horizon par l'examen de la mondialisation de la culture à l'heure de la constitution de groupes géants de communication qui élaborent leurs stratégies à partir de la définition de bassins linguistiques conçus comme des empires à conquérir.

**Mots clés :** livre; circulation de l'imprimé; mondialisation; groupes de communication.

Se adotarmos a perspectiva chinesa que predomina, oficialmente, em matéria de história do livro, ou dos impressos, uma conclusão parece se impor, tão cortante quanto o fio da navalha: foi o Império do Meio que inventou, ao mesmo tempo, a tipografia e o papel, posteriormente difundidos na Coreia e no Japão antes que as caravanas de mercadores

---

<sup>1</sup> Professor e Diretor do Centro de História Cultural das Sociedades Contemporâneas da Universidade de Versailles St-Quentin-en-Yvelines/França.

árabes, tomando as rotas da seda, introduzissem essas técnicas no Ocidente no século XV (BUSSOTI, 2007; BUSSOTI; HAN QI, 2008). Nessa visão de uma China dominando intelectualmente o mundo civilizado, Gutenberg é, na melhor das hipóteses, um hábil contrafator e, na pior, um bandido que mereceria a forca<sup>2</sup>. Evocada por nossos interlocutores chineses, por ocasião do primeiro congresso de história comparada do livro Ásia-Europa, realizado na Biblioteca Nacional de Pequim em outubro de 2005, essa defesa *pro domo* convenceu apenas aqueles que, admiradores incondicionais da China, recusam-se a admitir que a invenção de Gutenberg tenha sido, em primeiro lugar, uma inovação tecnológica que surgiu entre os fundidores de metal. Na Ásia, ao contrário, foi com caracteres de madeira ou de porcelana que se imprimiram os primeiros livros no início do século XI ou no seguinte, e nunca se fabricaram caracteres móveis em chumbo nesse continente (DRÈGE, 2012). Não se pode negar que a circulação do papel da Ásia à Arábia, e depois na Itália, é um fato comprovado, esse material tendo, além disso, servido para fabricar livros manuscritos bem antes que saíssem, em quantidade, dos mosteiros dos séculos XIII e XIV para passar em seguida às oficinas dos primeiros impressores europeus (DRÈGE, 1994).

Desenhar o mapa da dispersão das oficinas tipográficas na Europa na época dos incunábulos (por volta de 1450-1500)<sup>3</sup> permite verificar a validade de uma abordagem transnacional em matéria de história do livro. De Magúncia a Estrasburgo depois Paris, Veneza e Viena, Londres e Nápoles, ou Madri, Copenhague, Haia ou ainda Praga, a mancha de óleo se espalhou à velocidade da luz, modificando profundamente os costumes dos homens, facilitando a propagação das línguas vernáculas em detrimento do latim e a propagação da Bíblia, ou, antes, das Bíblias, isso tudo resultando em prejuízos à Igreja Católica Romana, atingida diretamente em seu monopólio da interpretação dos textos sagrados. A americana Elisabeth Eisenstein (1983) estudou essa "revolução dos impressos no início dos tempos modernos" em um famoso livro, e Jean-François Gilmont (1990), pesquisador belga, destacou, em um estudo que também representou um marco, as múltiplas ligações que se pode estabelecer entre a Reforma – melhor diríamos as Reformas – e o livro. Aliás, foi porque os impressos "protestantes" se multiplicavam muito rapidamente, que o rei Francisco I impôs o depósito legal dos impressos na França em 1537, tornando dessa forma notória a angústia que começava a dominar o espírito dos poderosos diante da ideia de que, doravante, qualquer um poderia tirar proveito do saber, até então reservado aos clérigos, e propor sua versão da revelação.

Ainda que, desde a publicação, em Paris, em 1982-1986, de uma *História da edição francesa* em quatro volumes<sup>4</sup>, os pesquisadores especialistas nesta disciplina não tenham cessado de propor histórias nacionais do livro, na Grã-Bretanha e nas Ilhas Britânicas (mais

---

<sup>2</sup> Ver também a esse respeito Liu Giojun e Zheng Rusi, *L'histoire du livre en Chine*, Pékin, Editions en langues étrangères, 1989, para a 1ª edição desde então constantemente reeditada, e, para uma versão crítica, ver Jean-Pierre Drège, « L'imprimerie chinoise s'est-elle transmise à l'occident ? », *Histoire, archéologie et société : conférences académiques franco-chinoises*, cahier n° 8, Pékin, Ecole française d'Extrême-Orient, Centre de Pékin, 2005.

<sup>3</sup> Ver FEBVRE, Lucien; MATIN, Henri-Jean. (1958). *L'apparition du livre*. Paris : Albin Michel, p. 260-261, 1971 para o mapa das primeiras oficinas tipográficas europeias.

<sup>4</sup> CHARTIER, Roger ; MARTIN, Henri-Jean ; VIVET, Jean-Pierre. (Dir.). *Histoire de l'édition française*. Paris : Promodis-Éditions du Cercle de la Librairie, 1982-1986, 4 vol.

de vinte volumes)<sup>5</sup>, nos Estados Unidos (cinco tomos)<sup>6</sup>, no Canadá (três volumes)<sup>7</sup>, na Austrália (também três volumes)<sup>8</sup>, e praticamente em cada país da Europa<sup>9</sup>, vê-se que, em sua origem, a história do impresso assumiu a geografia da primeira forma de mundialização em curso, a das grandes descobertas e das viagens de circum-navegação. Só com o fim de competições intelectuais recentes, nas quais as lutas de poder entre britânicos, americanos e franceses, ou entre metrópoles e antigas colônias, tiveram um papel indiscutível, é que a história do livro, de alguma forma, se nacionalizou, restringindo consideravelmente a perspectiva inicial que tinham adotado Lucien Febvre e Henri-Jean Martin em seu estudo pioneiro, *L'Apparition du livre*, publicado em 1958. Modificando o ângulo do ataque, reduzindo o foco utilizado, os pesquisadores dos anos 1980-1990 se aventuravam a dar a entender que, na origem, o livro não tinha se lançado à conquista do mundo, o que, no entanto, foi o caso, ainda que, é verdade, em uma perspectiva militante e missionária<sup>10</sup>. Essa é a razão pela qual começaremos nossa viagem de descoberta por uma visão geral sobre o livro religioso, nenhum brasileiro podendo ignorar, hoje, que os sucessores de Cristóvão Colombo transportavam Bíblias com eles quando puseram os pés no Novo Mundo.

Religioso, missionário, e até terrivelmente sectário, o impresso laicizou-se maciçamente no momento em que a reforma da educação básica se impôs aos olhos dos revolucionários franceses como a tarefa urgente que permitiria levar a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão a toda a Europa. Adiada para o século XIX, e até para o século seguinte em muitos países, essa revolução cultural iniciada no ano II da Primeira República francesa (BIANCHI, 1982; NADEAU, 2002) passou pela impressão de manuais escolares, de dicionários, de mapas de geografia e de livros de história, de aritmética ou de gramática que, por sua vez, deram a volta ao mundo à velocidade da vela e, posteriormente, do vapor. Muito rapidamente, entretanto, na carga dos navios que atravessavam o Oceano Atlântico, os jornais, de moda e de lazer, os romances e a literatura afirmaram sua vontade de conquistar o universo, fazendo do romance o gênero destinado a conhecer a maior atratividade (MORETTI, 2000,2008), a ponto de lançar à sombra os abecedários e outros livros didáticos destinados a promover a aprendizagem da leitura. Muitas outras formas de impressos tomaram igualmente a rota dos mares – que se pense nos jornais de moda que tornavam conhecidos os artigos de Paris, ou os livros de jardinagem, os manuais práticos,

<sup>5</sup> MCKENZIE, Donald F.; MCKITTERICK, David D.; WILLISON, Ian; BARNARD, John. *The Cambridge History of the Book in Britain*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999-2013, 7 vol.; BELL, Bill; BEVAN, Jenquil (Ed.). *The Edinburgh History of the Book in Scotland*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2007-2013, 4 vol.; JONES, Philip; REES, Eiluned. (Ed.). *A Nation and its Books: A History of the Book in Wales*. Aberystwyth (Wales): National Library of Wales and Aberystwyth Centre of the Book, 1 vol., e WELCH, Robert A.; WALKER, Brian. (Ed.). *The Oxford History of Irish Books*. Oxford: Oxford University Press, 2010-2012, 5 vol., assim como LEEDHAM-GREEN, Elisabeth et al. (Ed.). *The Cambridge History of Libraries in Britain and Ireland*. Cambridge: Cambridge University Press, 3 vol., 2006.

<sup>6</sup> HALL, David D. (Ed.). *History of the Book in America*. American Antiquarian Society/The University of North Carolina Press: 2000-2009, 5 vol.

<sup>7</sup> FLEMING, Patricia L. ; LAMONDE, Yvan. (Dir.). *Histoire du livre et de l'imprimé au Canada*. Montréal : Les Presses de l'université de Montréal, 2004-2007, 3 vol.

<sup>8</sup> LYONS, Martyn; ARNOLD, John. (Ed.). *A History of the Book in Australia*. Saint Lucia: Queensland University Press, 2000-2002, 3 vol.

<sup>9</sup> Ver FIRENZE, Turi. (A cura di). *Storia dell'editoria nell'Italia contemporanea*. Firenze: Giunti, 1997, e INFANTES, Victor; LOPEZ, François; BOTREL, Jean-François. *Historia de la Edición y de la Lectura en Espana*. Madrid: Fundacion German Sanchez Ruiperez, 2003, 1 vol.

<sup>10</sup> Para uma síntese provisória, ver MICHON, Jacques; MOLLIER, Jean-Yves. (Dir.). *Les mutations du livre et de l'imprimé dans le monde*. Québec/Paris: Les Presses de l'université Laval/L'Harmattan, 2001.

guias de viagem ou ainda manuais de boas maneiras, de como escrever bem ou cozinhar bem. Todas essas obras exprimem a riqueza das formas que o livro assume a partir do momento em que a oficina tipográfica permite difundi-lo em grande quantidade em toda parte no mundo, e é isso que tentaremos abordar neste breve panorama dos caminhos que o livro tomou quando se lançou à conquista de todos os espíritos.

### **O impresso missionário, um dos instrumentos da mundialização do século XVI ao século XXI**

A Bíblia impressa em 42 linhas por Gutenberg e seus companheiros em Magúncia, por volta de 1450, continua sendo o símbolo vivo de uma nova “arte de fazer” e a prova de que o livro não sofreu grande mutação ao passar da oficina dos monges copistas à dos fundidores de caracteres, dos tipógrafos e dos prensadores, os “macacos” e os “ursos” caros a Balzac<sup>11</sup>. O neófito mostra-se muitas vezes incapaz de distinguir de imediato o pergaminho com iluminuras feitas à mão do volume impresso, o que confirma que o livro existia bem antes de ser impresso mecanicamente. Além disso, a adoção do paratexto (GENETTE, 1987, 2014)– margens, notas de rodapé, divisão em capítulos, índice, etc. – surgiu bem antes do século XV. A “revolução do impresso”, citando novamente Elisabeth Eisenstein (1983), não se situa nesse nível, mas na possibilidade, doravante aberta, de se reproduzirem em grandes quantidades textos que se podiam transportar, trocar, vender em proporções desconhecidas até então. O acervo das bibliotecas eruditas iria, por essa razão, explodir, e o privilégio de possuir inúmeros volumes iria descer, de certa forma, dos conventos, abadias e palácios de príncipes para as residências dos burgueses afortunados. No século XIX uma segunda revolução, a do livro barato – uma realidade na França desde os anos 1840-1860 – modificará o sentido do termo “biblioteca”, tornando-o sinônimo de uma simples prateleira que podia ser vista até na mais humilde residência, afirmarão com certo exagero os editores, sinal de uma mutação dos usos e das práticas, às quais voltaremos (MOLLIER, 1984, 2009).

Desde 1517, quando o livro se apresenta de forma insolente na maior parte das cidades europeias sob sua nova forma e navega, com todas as velas ao vento, rumo à América, à Índia e à Ásia, o orgulhoso manifesto afixado por Martinho Lutero na porta da igreja de Wittenberg assinala o início de uma primeira campanha de difusão maciça do livro no Ocidente. Não foi tanto o caráter herético de suas teses, condenando o comércio das indulgências, que perturbou os espíritos quanto sua proposta de fazer todos os fiéis lerem a Bíblia. Sabe-se, aliás, que esse monge revoltado com a decadência romana não seguirá até o fim esse caminho e que redigirá pouco depois um catecismo que supostamente evitaria pôr o crente diretamente exposto a certas passagens temidas do texto sagrado. Todavia, depois dele, Calvino e os outros reformadores cristãos imporão a leitura direta e pessoal da Bíblia (GILMONT, 1990), que será uma característica tanto dos genebrinos quanto dos primeiros habitantes das colônias britânicas que formarão os Estados Unidos em 1783. Quakers ou metodistas, menonitas, puritanos, batistas ou pentecostais e, um pouco mais tarde, mórmons, todos se empenharão em difundir a Bíblia e participarão desse imenso movimento de troca de impressos religiosos que transformou profundamente o comércio do livro (AMORY;

---

<sup>11</sup> A terceira parte de *Ilusões perdidas* oferece uma excelente visão sobre o trabalho dos « macacos » e dos « ursos », compositores e prensadores no atelier tipográfico de tipo gutenberguiano. Sabe-se que Balzac possuía e dirigira sua própria tipografia em Paris em 1825-1826, antes de se lançar à conquista do campo literário; cf. MEYER-PETIT, Judith. (Dir.) *Balzac imprimeur et défenseur du livre*. Paris: Paris-Musées/Des Cendres, 1995.

HALL, 2007). Enquanto que com o humanismo e o Renascimento a literatura nascente, que se pense em Erasmo ou Dante, interessava apenas a uma minoria de leitores abastados e educados, as reformas e seus adeptos mandaram imprimir milhões de livros, jornais e brochuras de forte teor religioso, entre os quais a Bíblia ficou com a parte do leão.

Algumas vezes se disse, e frequentemente se repetiu sem se verificar, que, antes d'*O Pequeno livro vermelho* de Mao Tsé-Tung, a Bíblia tinha sido o primeiro *best e long-seller* da história da humanidade. Essa afirmação é aceitável à condição de se colocar na categoria das “Bíblias” os incontáveis fragmentos escolhidos, excertos, *digests* os mais diversos que foram impressos pelas primeiras sociedades missionárias de Londres e de Genebra antes de suas irmãs americanas a elas se juntarem nessa espécie de *steepchase* frenética que arrebatou o século XIX (GRUCHY, 2000). À medida que os impérios europeus progrediam, notadamente na África e na Ásia, os clérigos de todas as Igrejas militantes disputavam o comércio das almas. Desde o século XVI, a multiplicação das Bíblias em alemão, francês, tcheco, húngaro, inglês, flamengo, italiano, espanhol, português ameaçara seriamente o monopólio da Igreja Católica que, no concílio de Trento, realizou seu primeiro verdadeiro *aggiornamento*, decretando que era necessário opor um dique à onda de literaturas impuras que desaguava no mundo (DELUMEAU; WANEGFELLEN; COTTRET, 2012). Na expectativa de que a Igreja Católica não encontrasse as respostas apropriadas a essa propaganda – no sentido forte e primeiro da *propaganda fide* –, as Igrejas luteranas, calvinistas e anglicanas foram as primeiras a se apoiarem em suas posições de poder temporal nos países onde dominavam, para empreender essa extraordinária distribuição de textos que deveria modificar profundamente a relação dos homens com o livro (GILMONT, 1990).

Paralelamente ao estabelecimento de uma geografia europeia do impresso religioso, outra batalha se travava em escala planetária, as congregações católicas dedicando-se, no Novo Mundo, a uma obra missionária que perduraria até nossos dias. Com a chegada dos jesuítas na Ásia, no Japão, na China e no Vietnã, Roma tenta efetivamente impor ao mundo sua concepção do universo e conter os progressos do Islã, atacando-o pelas costas (LACOUTURE, 1991;1993). Notar-se-á igualmente a forte presença dos jesuítas e dos religiosos da ordem de São Sulpício, dos franciscanos também, na América do Sul e no Canadá, e é sabido que os primeiros catecismos em iroquês (FLEMING; LAMONDE, 2004-2007; SERVAIS, 2005) ou em guarani (MURATORI, 2002) foram obra da Companhia de Jesus. Ela daria a ideia, bem mais tarde, aos Padres Brancos da África de utilizar sistematicamente a imprensa e a tradução dos *Novos Testamentos* e das histórias sagradas nas línguas locais para acelerar o ritmo das conversões, contribuindo assim para a extraordinária transferência dos impressos religiosos de um continente para os outros<sup>12</sup>. Enquanto isso, o protestantismo, sem distinção de Igrejas, dominava a América do Norte, excetuando o Canadá francês ou Quebec, a América do Sul, a partir do México ou do Rio Grande, consagrando-se ao catolicismo de rito romano, o que supõe, ao lado de livros e brochuras, a impressão maciça de imagens pias, acompanhadas ou não de texto, que contribuíram fortemente para a aculturação das populações.

No século XIX, foi a África, com a suspensão do tráfico negreiro e o recuo da escravidão, que se tornou o grande desaguadouro da propaganda religiosa, tendo protestantes e católicos aproveitado o surgimento dos impérios coloniais britânicos e franceses para

---

<sup>12</sup> Sobre os Padres Brancos da África, ver PAGE, Yvan. Les débuts de l'imprimerie des Missionnaires d'Afrique : le rôle du Père Albert Vidal. *Revue française d'histoire du livre*, n° 110-111, 1<sup>er</sup> et 2<sup>e</sup> trimestres, p.189-215, 2001, e *Apprendre la langue pour répandre la Parole. Le travail linguistique des Missionnaires d'Afrique*. Rome : Société des Missionnaires d'Afrique, 2007.



afirmar por longo tempo suas posições. Isabel Hofmeyr, em um ensaio notável dedicado à divulgação de *Pilgrim's Progress*, a obra seminal de Bunyan, impressa em mais de duzentas línguas africanas após 1870, mostrou o quanto as Igrejas protestantes souberam se adaptar ao lugar, à realidade das etnias locais, modificando o texto de *O Peregrino* de acordo com crenças e mitos próprios de cada grupo humano (HOFMEYR, 2004). Vinte e cinco anos antes, uma célebre abolicionista, Elisabeth Beecher-Stowe, publicava *Uncle Tom's Cabin*, uma ficção de cunho moral que deu a volta ao mundo em poucos anos (PARFAIT, 2007). As indústrias do livro, então em gestação, utilizaram-se de todos os meios possíveis para popularizar esse imenso sucesso e difundir no mundo inteiro o retrato do infeliz Pai Tomás, transformado em uma figura lendária da luta contra a escravidão. Embora a obra seja geralmente considerada como ficção, trata-se originalmente de um folhetim religioso publicado na imprensa e redigido pela mulher de um pastor bem decidida a salvar a alma dos pecadores que se recusavam a admitir que a escravidão ofendia a Deus. Por essa razão, pode-se considerar *A Cabana do Pai Tomás* um texto híbrido, situado na fronteira do impresso religioso e das *novels*, que conheciam sua idade de ouro na mesma época.

Longe de chegar ao fim com o desaparecimento dos impérios coloniais e a independência dos territórios outrora mantidos sob dependência, a mundialização do impresso religioso continuou a progredir após 1960, quando as Igrejas evangélicas americanas e africanas, e posteriormente o Islã militante e conquistador dos anos 1980-1990, substituíram religiões em declínio ou asfixiadas, tentando impor por sua vez uma *Weltanschauung*, uma visão do universo, igualmente universal a seus fiéis (MERMIER, 2003). Embora o impresso militante laico, seja ele de tipo republicano, socialista e depois comunista em todas as suas variantes – leninista, stalinista ou maoísta –, não se enquadre, *stricto sensu*, nessa categoria, ele se assemelha em muitos aspectos ao impresso missionário e até messiânico para não ter sua inclusão proposta nessa primeira abordagem da mundialização do impresso (MIDORI; MOLLIER, 2013), as “batalhas” do livro do século XX correspondendo às “cruzadas” do livro desencadeadas nos anos 1930 pelos escritores católicos, e o “Prêmio do livro marxista” tentando triunfar sobre o “Concurso do melhor romance antibolchevique” lançado por Pio XI em 1933 (ROULIN, 2011; MOLLIER, 2014).

A grande onda do *Livro vermelho* do Presidente Mao, que deixava Roland Barthes e Philippe Sollers petrificados de admiração quando de sua viagem de iniciação a Pequim em meados de 1960, não deve levar ao esquecimento outras tentativas igualmente impressionantes de conquista dos espíritos pelo livro. A CIA e as grandes fundações americanas tais como Carnegie ou Rockefeller, com efeito, mandaram traduzir, nesses anos de guerra fria intensa, centenas de obras de economistas liberais, sociólogos considerados confiáveis e antropólogos aliados, em todas as línguas dos países emergentes, o árabe não tendo sido mais esquecido do que o espanhol e o português na América do Sul. Tratava-se, aos olhos dos dirigentes da grande central de espionagem americana e de seus homólogos à frente das grandes instituições filantrópicas, de contrabalançar a propaganda soviética ou chinesa e de refrear a propaganda do marxismo no mundo (TOURNÈS, 2011). É nesse cenário que se deve situar a expulsão do grande intelectual argentino Arnaldo Orfila Raynal da direção do prestigioso *Fondo de Cultura Económica de México* em 1965, tendo a CIA intervindo diretamente junto ao presidente mexicano Gustavo Diaz Ordaz para transformar o escândalo ligado à tradução em espanhol de *Os filhos de Sánchezem casus belli* contra aquele que tinha ousado disponibilizar para leitura, em todo o continente sul-americano, os autores mais modernos e mais incômodos para a ordem estabelecida (SORÁ, 2011).

## O impresso escolar, o dicionário e a enciclopédia à conquista dos espíritos

Não foi de forma alguma por acaso que os primeiros impérios editoriais construídos por homens de negócios empreendedores foram obra de professores primários ou de professores ligados ao progresso das Luzes e à extinção do analfabetismo. Louis Hachette e Pierre Larousse na França, Thomas Nelson na Escócia, Noah Webster nos Estados Unidos, Fritz Payot na Suíça francesa, Frédéric Norstedt na Suécia e muitos outros no resto do mundo, na Itália e alhures, tornaram-se professores de seus concidadãos, sonhando em estabelecer seu domínio sobre o impresso escolar de seu país antes de se aventurarem na literatura em geral. Do manual escolar básico, a exemplo do *Alphabet et premier livre de lecture courante* comercializado em um milhão de exemplares por Louis Hachette em 1832-1834 (MOLLIER, 1999), ao *Nouveau dictionnaire de la langue française* de Pierre Larousse em 1856, e posteriormente ao *Petit Larousse illustre* anual e milesimado a partir de 1905, e ainda às volumosas enciclopédias de quinze ou trinta volumes (MOLLIER; DUBOT, 2012), o passo foi dado com facilidade. O nome de Pierre Larousse por si só, tão conhecido na América do Sul quanto na Europa ou no Quebec e na África, e até no Vietnã e no Camboja, ilustra essa capacidade de “semear aos quatro ventos”, divisa adotada no final do século XIX pela firma do dente-de-leão<sup>13</sup>. Logo instalada em todos os continentes, tendo constituído filiais dinâmicas na Argentina e no Brasil, essa empresa, que desde 1912 tinha feito de seu *Petit Larousse de poche* em espanhol um instrumento da conquista da bacia hispanófila, daria ideias aos seus concorrentes que a ultrapassaram depois de 1960.

Se olharmos as classificações anuais das 200 maiores empresas de edição no mundo, encontraremos ainda cinco a seis editores escolares entre os dez maiores, os nomes de Reed Elsevier, Wolters Kluwer e Thomson Reuters ecoando ainda hoje como nomes de poderosas firmas onipresentes na fabricação e na difusão das revistas científicas *on-line*, prova de seu *savoir-faire* e de sua capacidade de adaptação aos diversos suportes que permitem transmitir o saber. Antes do surgimento desses gigantes ou desses conglomerados, Oxford University Press e Cambridge University Press souberam aproveitar o generoso privilégio real que as isentava do imposto sobre os lucros para construir impérios onipresentes na totalidade da bacia linguística anglófila, de Londres a Nova Iorque, mas também de Nova Deli a Melbourne ou Sydney, sem esquecer a África e suas universidades do Cabo ou de Joanesburgo, de Nairóbi ou de Pretória. Buscando prioritariamente a clientela dos grandes estabelecimentos de ensino, e concebendo suas produções para um mercado mundial – e jamais estritamente nacional –, essas duas editoras universitárias serviram de modelo sem igual para suas irmãs americanas mais novas, de Berkeley a Yale, passando por Harvard e Princeton. Por sua vez, os países latino-americanos seguiram esse movimento e se, na América espanhola, o *Fundo de Cultura Económica* se mantém, juntamente com a *Siglo XXI*, como referência maior, no Brasil a Editora da USP, a da UFMG e algumas outras possuem uma excelente reputação<sup>14</sup>.

A enciclopédia, por sua capacidade de oferecer aos leitores uma visão estruturada e estruturante do saber humano, teve também sua participação nessa mundialização-vulgarização dos conhecimentos iniciada no século XIX e que prossegue até hoje com o ensino a distância e, amanhã, com os MOOC. Nenhum império colonial ficou para trás nessa

---

<sup>13</sup> N. das T.: referência à planta cuja flor, associada à divisa da editora “*Je sème à tout vent*” (em português, “semeio aos quatro ventos”), é representada em sua logomarca.

<sup>14</sup> Um colóquio sobre história comparada das editoras universitárias no mundo teve lugar na USP em 2013. Os anais devem ser publicados em 2015 pela Edusp.

imensa competição em escala planetária, espécie de *Struggle of Life* em que os britânicos ficaram com a parte do leão, tendo sua língua se tornado a das universidades que eles fundaram em várias partes do planeta<sup>15</sup>. A doação interesseira de coleções de livros, revistas científicas e técnicas, notadamente jurídicas e médicas, foi, após o fim da Primeira Guerra Mundial, um valioso coadjuvante na propagação do saber no mundo. Os trabalhos de Ludovic Tournès, professor da Universidade de Genebra e especialista das fundações norte-americanas, provaram, para grande surpresa de seus pares, que até o ano de 1937, inclusive, isto é, apesar da dominação total de Stalin na União Soviética havia mais de dez anos, esse país aceitava com gratidão o envio das revistas médicas americanas impressas em inglês e enviadas gratuitamente (TOURNÈS, 2011). Isso significa que era por intermédio dessa língua e sob a ótica da medicina estadunidense que os práticos soviéticos que trabalhavam nos hospitais russos, tadjiques, uzbeques ou ucranianos se iniciaram nas pesquisas de ponta e nas descobertas de seus colegas “imperialistas”, nas suas campanhas de vacinação ou na difusão de algumas formas de eugenismo. Foi preciso aguardar o início dos grandes processos de Moscou para que se instalasse a era da suspeita, e só a partir de 1938 as fundações norte-americanas foram instadas a suspender seus envios, prelúdio do desencadeamento, dez anos mais tarde, da campanha sobre a “ciência proletária” pelos discípulos de Lysenko.

Além desse ponto de vista singular sobre uma das raízes – não a única evidentemente – do domínio da língua inglesa no mundo das revistas difundidas eletronicamente – *Nature* e *The Lancet* são universalmente conhecidas –, calcula-se até que ponto as rotas da mundialização do saber desposaram as dos Estados. A luta pela erradicação da tuberculose, da febre amarela ou de outras doenças de alta mortalidade era o objetivo visado inicialmente pelas fundações, tais como a Rockefeller ou a Carnegie, mas elas logo compreenderam que poderiam rapidamente ultrapassar esses objetivos, a filantropia não excluindo nem a corrida pela liderança nem, posteriormente, as rivalidades impostas pela guerra fria. Como tinham suas origens na constituição de imensas fortunas adquiridas com o aço, as ferrovias ou as finanças, elas só podiam detestar o comunismo, o que as levou a tentar erguer, contra sua expansão, barragens que confirmam que o “recalque” ou a “repressão” dessa ideologia mobilizou tanto os Estados quanto as empresas privadas, e até as Igrejas, o que remete à força missionária da escrita e à força potencializada do impresso antes que o livro eletrônico e a internet apareçam como os vetores privilegiados do século XXI.

### **Circulação dos impressos e mundialização da cultura na época dos grupos de comunicação**

A imprensa, os magazines, as revistas foram maciçamente difundidos no interior dos impérios, sejam eles de tipo colonial ou cultural, nos séculos XIX e XX. A constituição, após 1960, de grupos gigantes aspirando a comercializar sua produção por toda parte do mundo completou esse dispositivo. O exemplo do *best-seller E o vento levou*, adaptado imediatamente para o cinema às vésperas da Segunda Guerra mundial, veio reforçar a ideia de que o romance, doravante o gênero literário dominante em todos os continentes, estava destinado a conhecer uma expansão sem precedente. Certamente o século XIX havia consagrado Charles Dickens e Alexandre Dumas, pai, como os dois autores mais lidos, um

---

<sup>15</sup> Ver ELIOT, Simon; ROSE, Jonathan. (Ed.). *A Companion to The History of the Book*. London / New York: Blackwell Publishing, 2007.



pouco à frente de Victor Hugo e Émile Zola, mas a época era doravante de exploração sistemática da transmidialidade da *novel*, o que acrescentava uma dimensão suplementar à sua capacidade de percorrer o mundo. Tão conhecido e apreciado como se fora um escritor do Novo Mundo, *Alejandro Dumas*, como ele é ele é designado, ao lado de *Eugenio Sue* e *Pablo Feval*, é onipresente nos gabinetes de leitura do Rio de Janeiro ou de Belém do Pará antes e depois de 1860, assim como nas bibliotecas privadas e públicas. Todavia, é por meio da imprensa e do prestígio do folhetim, que serve de ponta de lança dos periódicos para conseguirem assinaturas, que seu nome se impõe nos dois mundos, Montevideu tendo sido a primeira a dar o sobrenome do escritor ao asilo das crianças abandonadas, e os charuteiros de Havana tendo batizado de “Montecristo” seu melhor charuto a fim de homenagear aquele que os deleitava por meio da leitura de seus romances feita por um operário enquanto seus camaradas enrolavam as folhas de fumo (MOLLIER, 2008a; PAIXÃO, 2012).

Se, de certa forma, a mundialização do romance foi uma realidade do século XIX, visto que o pai Tomás, Cosette, Jean Valjean, o conde de Monte Cristo, Flor de Maria e David Copperfield conquistaram um enorme público à velocidade do barco a vela, e logo depois dos navios a vapor que ligavam a América em algumas semanas (MORETTI, 2000, 2008), o sucesso mundial de Harry Potter, que alça sua autora às fileiras de uma das maiores fortunas mundiais em alguns anos, modifica profundamente a perspectiva. Não se trata mais, com efeito, simplesmente de traduzir uma obra para as dez ou vinte línguas mais difundidas, como já ocorrera com *Uncle Tom's Cabin* em 1853-1855, nem mesmo de reproduzir os traços do herói principal em tecidos, xícaras de café ou leques, o que beneficiou o mesmo personagem em meados do século XIX. Buffalo Bill igualmente, nos anos 1880-1900, conheceu por sua vez uma mundialização surpreendente produzindo-se, a cavalo e com seus célebres e “ferozes” índios, em um circo que fez várias turnês europeias ao mesmo tempo em que o editor alemão Eichler oferecia para leitura seus feitos em todas as línguas do continente. Com Harry Potter, no entanto, os editores compreenderam que a literatura para jovens tinha-se tornado algo importante demais para que fosse abandonada aos autores de ficção. J. K. Rowling teve de lutar, após a publicação do terceiro tomo, para ter tempo de ter um filho, o que parecia literalmente monstruoso para seus editores que, se pudessem, tê-la-iam trancafiado numa prisão para terem certeza de obter, nos prazos previstos no contrato, o quarto tomo das aventuras do jovem feiticeiro de Hogwarts (MOLLIER, 2007).

Também aqui seria de se acreditar que Dumas, pai, ou Balzac viveram angústias similares, visto que seus editores, eternamente à espera da entrega de seus manuscritos, ameaçavam processá-los judicialmente para forçá-los a vomitar e entregar a cópia que os diretores de jornais aguardavam febrilmente. No entanto, com a constituição de conglomerados que modificaram profundamente a fisionomia da edição, quando não a desnaturaram, passou-se para um outro estágio de desenvolvimento das indústrias culturais (SCHIFFRIN, 1999), o adjetivo *mainstream* mudando até, para alguns observadores, como Frédéric Martel (2010), a natureza da nova cultura de massa surgida nesses últimos anos. O anúncio, em 1998, da união entre AOL e Time Warner havia sido comentado com inquietação por aqueles que se surpreendiam que um fabricante de “continentes”, ou tubos, caso se prefira, e um produtor de “conteúdos”, os fluidos, para continuar a metáfora, pudessem ter pontos em comum e, mais do que isso, uma estratégia similar. O exemplo deles foi rapidamente imitado, mas a queda vertiginosa, no final de 2002, da Vivendi Universal pareceu soar a hora do rompimento dessas alianças contrárias à natureza (MOLLIER, 2008b<sup>16</sup>). Dez anos mais tarde, a constituição de um enorme império reinando sobre a ficção, Penguin Random House, fruto da fusão da parte literária do número um mundial, o grupo

<sup>16</sup> Uma tradução para o português dessa obra será publicada em 2015 pela Editora Fap-Unifesp.

Pearson, com a parte idêntica do número três, Bertelsmann, soa como a preparação estratégica, para não dizer militar, para as batalhas de gigantes que vão opor Google, que se tornou proprietário da maior biblioteca do mundo, e Amazon, principal distribuidor de livros ou, caso se prefira, livreiro, aos editores ultrapassados por essas fusões. Enquanto o *publisher*, o editor, é uma criação tardia que Balzac situou por volta de 1830 dando-lhe um nome, o Dauriat de *Ilusões perdidas*, mas cujo nascimento pode-se também situar por volta de 1780 com a difusão, por Panckoucke e seus contrafactores, da *Encyclopédia* com mais de 20.000 exemplares, seu destino histórico parece estar esgotando-se e prestes a se acabar (MOLLIER, 2005) caso desapareça sob o ataque violento daqueles que querem tomar seu lugar e transformar profundamente o ofício de fazedor de livros e de sonhos. Para Google e Amazon, na época do *mainstream*, é preciso que o planeta inteiro sonhe ao mesmo tempo e na mesma hora, o que nos conduz a *The New Brave World* de Aldous Huxley ou a *1984* de George Orwell.

Uma simples olhadela nas pilhas de livros expostos à curiosidade dos passageiros nos aeroportos do mundo inteiro, bem como nas principais redes de livraria dos grandes países industrializados, mostra a evidência da mundialização em andamento na área dos *best-sellers*. Todavia, também aqui, é preciso ter na memória o fato de que nos Estados Unidos, desde julho de 2012, a comercialização do romance em arquivo eletrônico ultrapassou a venda dos exemplares impressos em papel. Viu-se inclusive, nesses últimos anos, produzir-se um fenômeno comparável ao das novelizações, ou das telenovelas, na área dos *readers*, “leitores” e outros *tablets*, a compra, por uma grande companhia, dos direitos autorais incluindo a edição, em arquivos digitais, de *Fifty Shades of Grey*, esse romance erótico para donas de casa de mais de cinquenta anos com pouca imaginação. Seu extraordinário sucesso confirma ao mesmo tempo a extensão de seu leitorado a outras gerações, e entre os homens, mas também a extraordinária capacidade do sistema midiático, ou das indústrias *mainstream*, de criar um evento “cultural” susceptível de gerar um lucro rápido e um retorno fenomenal sobre o investimento. Acrescentemos, para a suprema vergonha da honra francesa, que um livro de confidências exalando odores de alcova, escrito por uma ex-primeira dama rejeitada sem ter passado pela etapa “casamento” do Palácio do Eliseu, *Merci pour ce moment*<sup>17</sup>, detém o recorde das vendas de 2014 nesse país onde, é verdade, um presidente da República, Félix Faure, deu seu último suspiro em 1899 nos braços de uma cortesã, e onde também, cem anos depois, um de seus sucessores manteve, à custa do Estado, dois relacionamentos sem chocar a opinião de seus eleitores.

Desde que os homens políticos perceberam o interesse de desenvolver o gênero dos *Storytellings* (COMOG, 2004; SALMON, 2007), a narração se impôs como uma espécie de obrigação, quer se trate de querer convencer a votar neles ou de explicar as crises econômicas e sua inevitabilidade. O planeta se torna então uma aldeia, bem mais do que nos anos 1960, época em que Marshall McLuhan (1962, 1964) havia teorizado seu advento, e a galáxia Marconi acaba de espalhar as cinzas do planeta Gutenberg, transformando a internet em uma gigantesca rede social onde cada um deve saber permanentemente o que o outro está fazendo (TURNER, 2012). George Orwell havia imaginado que o Leviatã moderno, apelidado *Big Brother*, controlaria os fatos e os gestos dos sujeitos graças a um aparelho permitindo-lhe penetrar na intimidade de seus pensamentos, mas, como quase sempre em casos semelhantes, a realidade está ultrapassando a ficção. Alguns poderiam ver no triunfo da *Wordliterature* um prolongamento das reflexões de Goethe há dois séculos sobre a *Weltliteratur*, mas é evidente que estamos a cem léguas disso, o único objetivo dos *majors* da edição mundial sendo “declinar”, nas principais línguas do planeta, aventuras passíveis

<sup>17</sup> Valérie Trierweiler, *Merci pour ce moment*, Paris, Les Arènes, 2014.

de gerar ao mesmo tempo um romance, um filme, uma série de televisão e, amanhã, um produto de internet infinitamente reciclável (SAPIRO, 2009). No filme produzido pelos estúdios de Walt Disney, *O corcunda de Notre Dame*, o espectador europeu poderá continuar procurando o vestígio de uma catedral gótica estilizada de forma a não parecer estranha a um japonês, mas ele jamais o encontrará. Da mesma forma, o leitor de *Cinquenta tons de cinza*, por mais que use a imaginação, não encontrará aí o extraordinário poder evocador do marquês de Sade, nem a fantasia de Sacher-Masoch, para não falar da alegria transbordante de Pierre Louÿs ou do erotismo alegre de Apollinaire em *As onze mil vergas* e de Louis Aragon em *A cona de Irene*.

## Conclusão

Esse rápido panorama de fenômenos que remontam ao século XV, no caso dos mais antigos, mas que tomaram uma dimensão nova no século XIX e depois no século XX, mostra que a mundialização conheceu temporalidades distintas de acordo com a área em que ela se manifestou. O surgimento, no século XIX, de empresários no mundo da arte lírica, de Barnums no mundo do circo e depois do teatro e das turnês oferecidas às vedetes internacionais, das primeiras divas às atrizes mais em evidência – Rachel, em seguida Sarah Bernhardt foram para os Estados Unidos – denota a capacidade das indústrias culturais da época de se integrarem plenamente aos movimentos que acompanhavam o advento da cultura de massa (MOLLIER; SIRINELLI; VALLOTTON, 2006). Buffalo Bill e seu *Wild West Show* estavam em Paris por ocasião da Exposição universal de 1889, que viu a Torre Eiffel tentar substituir a de Babel tornando-se o primeiro parque de atração vertical do mundo. Até sua morte, o coronel Cody percorreu o Antigo e o Novo Mundo para fazer de suas aventuras um objeto de consumo internacional. Popularizada pelo editor Eichler de Dresde, na Alemanha, sua epopeia indígena foi traduzida na maioria das línguas do continente europeu a partir de 1906 e propagada em fascículos de capas coloridas, ao mesmo tempo apelativas e berrantes. Isso sem dúvida agradava aos adolescentes do mundo inteiro, que liam os feitos de Buffalo Bill com o mesmo fervor com que se apropriavam de seus primeiros álbuns de histórias em quadrinhos comercializadas nesses anos de 1910-1914 (RYDELL; KROES, 2005).

Quer se trate das obras das Igrejas católicas, protestantes, e notadamente evangélicas, muito ativas atualmente, ou muçulmanas, a mundialização dos impressos religiosos é, como vimos, um fenômeno antigo, consubstancial à vontade das religiões monoteístas de impor sua visão do mundo aos habitantes do planeta. Persuadidas de que detêm a verdade, elas fizeram da mundialização o objetivo prioritário de suas estratégias e de seus planos de comunicação desde a aurora dos Tempos modernos. O Japão, a China conseguiram interromper por um tempo esse avanço, mas a internet e a televisão – a cabo ou por satélite – mostram hoje a presença quase obsessiva desses irmãos pregadores de um novo gênero, diante de quem Francisco de Assis ou Domingos de Gusmão – os dois santos fundadores das ordens franciscanas e dominicanas – apareceriam antes como analfabetos ou iletrados da comunicação.

Durante muito tempo, graças à sua reprodutibilidade quase ilimitada, o impresso foi um dos vetores mais eficazes para a mundialização, e a Bíblia, como mostramos, foi, bem antes do *Pequeno livro vermelho*, o primeiro *best-seller* da história da edição. A ilustração foi inserida muito cedo no interior do impresso para lhe conferir mais poder de atração.

Dessa forma, as imagens, pias ou laicas, sagradas ou profanas, artesanais e posteriormente industriais, propagaram-se no mundo inteiro a partir do século XVI. Bem antes de as grandes firmas italianas como De Agostini, proprietária da marca e das imagens Panini, sonharem em explorar esse filão (MOLLIER, 2007), encontravam-se, na Ásia ou na América do Sul, nos guarda-ventos japoneses laqueados do século XVII, por exemplo, cenas extraídas da história europeia demonstrando a internacionalização precoce dessas visões, ainda que datadas histórica e geograficamente (GRUZINSKI, 2004). Mesmo que seja necessário evitar generalizar e extrapolar a partir de materiais conservados nos museus, esse último traço da mundialização aqui evocada deveria terminar de nos convencer de que esse fenômeno nada tem de particularmente moderno, sendo o produto de uma evolução plurissecular que acompanha o desejo dos homens de se tornarem, segundo a máxima de Descartes, “mestres e possuidores da natureza”.

No que se refere ao livro ou ao impresso – pois não se pode separar o volume da brochura, do fascículo, do *pliego suelto* ou do folheto da literatura de cordel que tanto fez para transmitir, na Espanha como também no Brasil, crenças, superstições ou saber médico, do jornal e da revista, bem como da imagem sagrada ou profana –, pode-se apenas constatar sua extraordinária aptidão para se introduzir em toda parte e dar a volta do planeta. Isso foi um fato com o *Quixote* desde suas origens e também com contos russos que se encontram em variantes brasileiras muito antigas, ou com o conde de Monte Cristo, transformado em herói do Novo mundo desde seu nascimento<sup>18</sup>. Os barcos que transportavam *El Correo de ultramar* do Havre a Havana, Rio de Janeiro, Buenos Aires, Valparaíso, Lima ou Nova Orleans, desde 1841-1842, importavam os romances-folhetins publicados em Paris à velocidade do vento e posteriormente do vapor e, ao proporem ao leitor a versão original, em francês, ao lado da tradução em castelhano, eles participavam desse vasto movimento que aproximava os continentes e os homens<sup>19</sup>. Certamente, o escravo da plantação ou o camponês dos altos planaltos andinos tinham pouca chance de ter contato com essa aculturação, mas na cidade, nos portos, homens e mulheres já tinham a sensação de viver uma história conectada. Na época em que a internet multiplica a quantidade e a rapidez dessas conexões, parece estar próximo o momento em que ninguém poderá mais ficar à margem do ruído e do movimento provocados pelo fluxo das informações. O livro de papel está certamente recuando, mas o livro transformado em arquivo eletrônico está pronto para substituir seu irmão mais velho e, no Japão, a juventude se reconciliou em parte com a leitura, tornando-se aficionada por *kensai shosetsu*, essa literatura escrita, divulgada e lida no celular que anuncia outras investidas e outros combates para disponibilizar para leitura o fruto da imaginação humana (MOLLIER, 2011).

---

<sup>18</sup> Ver também ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras/ABL-FAPESP, 2003.

<sup>19</sup> Ver RAMIREZ, Pedro J. Rueda. *Negocio e Intercambio cultural : el comercio de libros en la Carrera de Indias (siglo XVII)*. Sevilla: Universidade de Sevilla, 2005.

**REFERÊNCIAS**

- ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras/ABL-FAPESP, 2003.
- AMORY, Hugh; HALL, David D. (Ed.) *The Colonial Book in the Atlantic World*. In: HALL, D. (Org.). *History of the Book in America*, vol. 1. American Antiquarian Society/University of North Carolina Press: 2007.
- APPRENDRE la langue pour répandre la Parole. Le travail linguistique des Missionnaires d'Afrique. Rome : Société des Missionnaires d'Afrique, 2007.
- BELL, Bill; BEVAN, Jenquil. (Ed.). *The Edinburgh History of the Book in Scotland*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 4 vol, 2007-2013.
- BIANCHI, Serge. *La révolution culturelle de l'an II*. Elites et peuple. 1789-1799. Paris : Aubier, 1982.
- BUSSOTI, Michaela ; QI, Han. (Dir.). *Chine et Europe: histoires de livres*. Pékin/Paris : The Commercial Press/EFEO CAS, p. 133-184, 2008. (Texto em língua chinesa).
- CHARTIER, Roger ; MARTIN, Henri-Jean ; VIVET, Jean-Pierre. (Dir.). *Histoire de l'édition française*. Paris : Promodis-Editions du Cercle de la Librairie, 4 vol., 1982-1986,
- COMOG, Evan. *The Power and the Story*. How the Crafted Presidential Narrative Has Determined Political Success from George Washington to George W. Bush. New York: The Penguin Press, 2004.
- DE GRUCHY, John (Ed.). *The London Missionary Society in Southern Africa, 1799-1999: Historical Essays in Celebration of the Bicentenary*. Athens: Ohio University Press, 2000.
- DELUMEAU, Jean; WANEGFELLEN, Thierry ; COTTRET, Bernard.(1973).*Naissance et affirmation de la Réforme*. Paris : PUF, 2012.
- DRÈGE, Jean-Pierre. Les routes orientales du papier. *Les routes de la soie : patrimoine commun, identités plurielles*. Paris : UNESCO, , p. 53-63, 1994.
- \_\_\_\_\_. Considérations brèves sur l'histoire du livre chinois dans une perspective transculturelle.*Histoire et civilisation du livre*, t. 8, p. 21-30, 2012.
- EISENSTEIN, Elisabeth L. *The Printing Revolution in Early Modern Europe*.Cambridge (Massachusetts): Cambridge University Press, 1983.
- ELIOT, Simon; ROSE, Jonathan. (Ed.). *A Companion to The History of the Book*. London / New York: Blackwell Publishing, 2007.
- FIRENZE, Turi. (A cura di). *Storia dell'editoria nell'Italia contemporânea*. Firenze: Giunti, 1997.
- FLEMING, Patricia L. ; LAMONDE, Yvan. (Dir.). *Histoire du livre et de l'imprimé au Canada*. Montréal : Les Presses de l'université de Montréal, 3 vol., 2004-2007.
- GENETTE, Gérard. *Seuils*. Paris : Seuil, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Epilogue*. Paris : Seuil, 2014.
- GILMONT, Jean-François. (Dir.).*La Réforme et le livre*. L'Europe de l'imprimé (1517-v. 1570). Paris : Cerf, 1990.
- GRUZINSKI, Serge. *Les quatre parties du monde : histoire d'une mondialisation*. Paris : La Martinière, 2004.



- HALL, David D. (Ed.). *History of the Book in America*. American Antiquarian Society/The University of North Carolina Press, 5 vol, 2000-2009.
- HOFMEYR, Isabel. *The Portable Bunyan. A Transnational History of the Pilgrim's Progress*. Princeton: Princeton University Press, 2004.
- INFANTES, Victor; LOPEZ, François; BOTREL, Jean-François. *Historia de la Edición y de la Lectura en España*. Madrid: Fundacion German Sanchez Ruiperez, 2003.
- JONES, Philip; REES, Eiluned. (Ed.). *A Nation and its Books: A History of the Book in Wales*. Aberystwyth (Wales): National Library of Wales and Aberystwyth Centre of the Book, 1998.
- LACOUTURE, Jean. *Jésuites*. Paris : Seuil, . 2 vol., 1991-1994.
- LEEDHAM-GREEN. Elisabeth et al. (Ed.). *The Cambridge History of Libraries in Britain and Ireland*. Cambridge: Cambridge University Press, 3 vol., 2006.
- LYONS, Martyn; ARNOLD, John. (Ed.). *A History of the Book in Australia*. Saint Lucia: Queensland University Press, 3 vol, 2000-2002.
- MARTEL, Frédéric. *Mainstream*. Enquête sur cette culture qui plaît à tout le monde. Paris : Flammarion, 2010.
- MCKENZIE, Donald F.; MCKITTERICK, David D.; WILLISON, Ian; BARNARD, John. *The Cambridge History of the Book in Britain*. Cambridge: Cambridge University Press, 7 vol., 1999-2013.
- MCLUHAN, Marshall. *The Gutenberg Galaxy: The Making of the Typographic Man*. Toronto: University of Toronto Press, 1962.
- \_\_\_\_\_. *Understanding Media: The Extensions of Man*. New York: Mc Graw-Hill, 1964.
- MERMIER, Frank. (Dir.). *Mondialisation et nouveaux médias dans l'espace arabe*. Paris: Maisonneuve et Larose, 2003.
- MEYER-PETIT, Judith. (Dir.). *Balzac imprimeur et défenseur du livre*. Paris: Paris-Musées/Des Cendres, 1995.
- MICHON, Jacques ; MOLLIER, Jean-Yves. (Dir.). *Les mutations du livre et de l'imprimé dans le monde*. Québec/Paris : Les Presses de l'université Laval/L'Harmattan, 2001.
- MIDORI, Marisa; MOLLIER, Jean-Yves.(Org.). *Edição e revolução. Leituras comunistas no Brasil e na França*. Cotia (SP) / Belo Horizonte: Ateliê Editorial/Editora UFMG, 2013.
- MOLLIER, Jean-Yves. *Michel et Calmann Lévy ou la naissance de l'édition moderne*. 1836-1891. Paris : Calmann-Lévy, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Louis Hachette (1800-1864)*. Le fondateur d'un empire. Paris: Fayard, 1999.
- \_\_\_\_\_. Naissance de la figure de l'éditeur. In: LEGENDRE, B. ; ROBIN, C. (Dir.). *Figures de l'éditeur*. Paris : Nouveau Monde éditions, p. 13-29, 2005.
- \_\_\_\_\_. (Dir.). *Où va le livre ?* Edition 2007-2008. Paris : La Dispute, 2007.
- \_\_\_\_\_. Traduction et mondialisation de la fiction : l'exemple d'Alexandre Dumas père en Amérique du Sud. In: VINGT-QUATRIÈMES ASSISES DE LA TRADUCTION LITTÉRAIRE, 2007, Arles. Actes. Arles: Actes Sud, p. 225-238, 2008a.
- \_\_\_\_\_. *Edition, presse et pouvoir en France au XXe siècle*. Paris: Fayard, 2008b.

\_\_\_\_\_. *O dinheiro e as Letras: história do capitalismo editorial*. Tradução de Kátia Aily Franco de Camargo. São Paulo: Edusp, 2009.

\_\_\_\_\_. *La culture numérique. Universalia 2011*. Paris : Encyclopaedia Universalis, p. 157-161, 2011.

\_\_\_\_\_. *Histoire de la librairie Larousse*. 1852-2012. Paris: Fayard, 2012.

\_\_\_\_\_. *La mise au pas des écrivains*. L'impossible mission de l'abbé Bethléem au XXe siècle. Paris : Fayard, 2014.

MOLLIER, Jean-Yves ; SIRINELLI, Jean-François ; VALLOTTON, François. (Dir.). *Culture de masse et culture médiatique en Europe et dans les Amériques*. 1860-1940. Paris : PUF, 2006.

MORETTI, Franco. (1997). *Atlas du roman européen*. 1800-1900. Traduit de l'italien par Jérôme Nicolas. Paris : Seuil, 2000.

\_\_\_\_\_. (2006). *Graphes, cartes et arbres*. Modèles abstraits pour une autre histoire de la littérature. Traduit de l'italien par Etienne Dobenesque. Paris : Les prairies ordinaires, 2008.

MURATORI, Ludovico Antonio. *Relations des missions du Paraguay*. Paris : La Découverte, 2002.

NADEAU, Martin. La politique culturelle de l'an II : les infortunes de la propagande révolutionnaire au théâtre. In: *Annales historiques de la Révolution française*, t. 327, p. 57-74, jan-mar 2002.

PAGE, Yan. Les débuts de l'imprimerie des Missionnaires d'Afrique : le rôle du Père Albert Vidal. In: *Revue française d'histoire du livre*, n° 110-111, 1<sup>er</sup> et 2<sup>e</sup> trimestres, p.189-215, 2001.

PAIXÃO, Alexandro Henrique. *Elementos constitutivos para o estudo do público literário no Rio de Janeiro e em São Paulo no Segundo Reinado*. 2012. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

PARFAIT, Claire. *The Publishing History of Uncle Tom's Cabin, 1852-2002*. Aldershote (England): Ashgate, 2007.

RAMIREZ, Pedro J. Rueda. *Negocio e Intercambio cultural : el comercio de libros en la Carrera de Indias (siglo XVII)*, Sevilla: Universidade de Sevilla, 2005.

ROULIN, Stéphanie. Le concours international de romans antibolcheviques, ou comment faire de la « bonne littérature » médiocre. In: HAUSER, C.; LOUÉ, T.; MOLLIER, J.-Y.; VALLOTTON, F. (Dir.). *La diplomatie par le livre*. Réseaux et circulation internationale de l'imprimé de 1880 à nos jours. Paris: Nouveau Monde éditions, 2011, p. 331-348.

RYDELL, Robert; KROES, Rob. *Buffalo Bill in Bologna: the Americanisation of the World*. 1869-1922. Chicago : Chicago University Press, 2005.

SALMON, Christian. *Storytelling, la machine à fabriquer des histoires et à formater les esprits*. Paris : La Découverte, 2007.

SAPIRO, Gisèle (Dir.). *Les contradictions de la globalisation éditoriale*. Paris : Nouveau Monde éditions, 2009.

SCHIFFIN, André. *L'édition sans éditeurs*. Paris : La Fabrique, 1999.

SERVAIS, Olivier. *Des jésuites chez les Amérindiens Ojibwas*. Histoire et ethnologie d'une rencontre. XVIIe-XXe siècles. Paris : Khartala, 2005.

SORÁ, Gustavo. Edition et politique. La guerre froide dans l'édition latino-américaine des années 1960. In: HAUSER, C.; LOUÉ, T.; MOLLIER, J.-Y.; VALLOTON, F.(Dir.). *La diplomatie par le livre*. Réseaux et circulation internationale de l'imprimé de 1880 à nos jours. Paris: Nouveau Monde éditions, p. 89-113, 2011.

TOURNÈS, Ludovic. *Sciences de l'homme et politique*. Les fondations américaines en France au XXe siècle. Paris: Editions des Classiques Garnier, 2011.

TURNER, Fred. *From Counterculture to Cyberculture. Steward Brand, the Whole Earth Network, and the Rise of Digital Utopianisms*. Chicago: Chicago University Press, 2012.

WELCH, Robert A.; WALKER, Brian. (Ed.). *The Oxford History of Irish Books*. Oxford: Oxford University Press, 5 vol., 2010-2012.

RECEBIDO EM 26-04-2015  
APROVADO EM 30-04-2015